

DESENVOLVIMENTO INFANTIL: um estudo de caso no Ceará

Anna Carrollina Dias Ripardo¹

Andrea Abreu Astigarraga²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo analisar o desenvolvimento infantil, com base em um estudo de caso, identificando e avaliando os principais fatores que influenciam na formação da criança, bem como as intervenções educativas necessárias para auxiliar nesse desenvolvimento. A metodologia adotada possui abordagem qualitativa, e, para a coleta de dados, realizou-se uma entrevista com a mãe biológica de uma criança. Em sequência, foi montado um quadro de desenvolvimento do infante, permeado pelas dimensões sociais, biológicas, ambientais, culturais, históricas e psicológicas. Nesse sentido, as análises centraram-se em três aspectos principais, que se destacaram como influentes no desenvolvimento infantil do caso em questão: a estimulação da fala, a composição familiar monoparental e a violência doméstica. Em adição, foram tecidas reflexões acerca das intervenções educativas pertinentes ao quadro apresentado. À guisa de síntese, destaca-se que a educação familiar e a escolar desempenham papel central em todo o processo de desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento da criança. Educação. Escola. Família.

CHILD DEVELOPMENT: a case study in Ceará

Abstract: This research aims to analyze child development, based on a case study, identifying and evaluating the main factors that influence the child's formation, as well as the educational interventions necessary to assist in this development. The methodology adopted has a qualitative approach, and, to collect data, an interview was carried out with the biological mother of a child. Subsequently, a framework for the infant's development was created, permeated by social, biological, environmental, cultural, historical and psychological dimensions. In this sense, the analyzes focused on three main aspects, which stood out as influential in the child development of the case in question: speech stimulation, the single-parent family composition and

¹Graduanda do 5º período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, bolsista de iniciação científica pelo PROVIC (Programa de Bolsa Voluntária de Iniciação Científica) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto) Biográficas - GEPAS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7114094540743634>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2120-0569> E-mail: carollripardo@gmail.com

² Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010). Atualmente é professora associada na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). É coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto) Biográficas - GEPAS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355941154537341>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9614-1999> E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

domestic violence. In addition, reflections were made on educational interventions relevant to the table presented. By way of summary, it is highlighted that family and school education play a central role in the entire process of child development.

Keywords: Literacy; Beginning teacher; Challenges.

DESARROLLO INFANTIL: un estudio de caso en Ceará

Resumen: El objetivo de esta investigación es analizar el desarrollo infantil a partir de un estudio de caso, identificando y evaluando los principales factores que influyen en el desarrollo del niño, así como las intervenciones educativas necesarias para ayudar a este desarrollo. La metodología adoptada tiene un enfoque cualitativo y, para recoger los datos, se realizó una entrevista a la madre biológica de un niño. A continuación, se elaboró un cuadro del desarrollo del niño, impregnado de dimensiones sociales, biológicas, ambientales, culturales, históricas y psicológicas. En este sentido, los análisis se centraron en tres aspectos principales que se destacaron como influyentes en el desarrollo infantil del caso en cuestión: la estimulación del habla, la composición familiar monoparental y la violencia doméstica. Además, se reflexionó sobre las intervenciones educativas pertinentes a la situación presentada. En resumen, cabe señalar que la familia y la educación escolar desempeñan un papel central en todo el proceso de desarrollo infantil.

Palabras clave: Desarrollo infantil; Educación; Escuela; Familia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado no contexto da disciplina “Desenvolvimento Infantil”, cursada pela autora, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), Sobral-CE, e versa sobre a temática do desenvolvimento infantil, fundamentado na perspectiva sociointeracionista de Piaget, Vygotsky e Wallon. Detalhando essa perspectiva:

As teorias sociointeracionistas concebem [...] o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade

afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada (Felipe, 2007, p. 27).

Dito isso, é pertinente destacar a compreensão de Fonseca, Colares e Costa (2019) de que os estudos sociointeracionistas de desenvolvimento e aprendizagem humana implicaram numa reestruturação das relações sociais e na construção de uma nova visão da criança e do professor. De acordo com os autores supracitados,

Nessa nova visão da criança como sujeito de direitos, protagonista histórico e cidadão em desenvolvimento, a figura do professor não é mais aquela que molda comportamentos ou repassa conhecimentos aos alunos, mas a de interlocutor que aponta caminhos, organiza ambientes e materiais e troca informações com o educando, em um processo recíproco de crescimento (Fonseca, Colares e Costa, 2019, p. 92).

Fundamentado nesses pressupostos iniciais, o problema de pesquisa foi estruturado a partir de algumas inquietações, dispostas a seguir: como a combinação de diferentes influências, construtivas e/ou desfavoráveis, pode gerar impactos no desenvolvimento infantil? Como podemos dimensionar esses impactos na formação do sujeito, apontando caminhos para a superação de prejuízos causados ao desenvolvimento infantil e para a promoção de práticas educativas que potencializem esse desenvolvimento?

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizada uma entrevista com a mãe de uma criança de 12 anos, no intuito de montar um quadro de desenvolvimento, permeado por múltiplas dimensões - sociais, biológicas, ambientais, culturais, históricas, psicológicas. Outrossim, a referida atividade teve o objetivo de promover reflexões em nós, educadores em formação inicial, sobre o nosso papel no contexto do desenvolvimento infantil.

Nesse prisma, a presente pesquisa foi estruturada mediante o objetivo de analisar o desenvolvimento infantil, com base no estudo de um caso, identificando e avaliando os principais fatores que influenciam na formação da

criança, bem como as intervenções educativas necessárias para auxiliar nesse desenvolvimento.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de abordagem qualitativa e, quanto ao método, caracteriza-se como um estudo de caso, baseado em Lüdke e André (2013, p. 17), pois, para as autoras, “O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular”.

Para a produção de dados, foi realizada uma entrevista com a mãe biológica de uma criança de 12 anos. Optou-se pela adoção da entrevista, mediante a compreensão de que esta técnica exerce vantagem sobre outras técnicas de coleta de dados, em decorrência da captação imediata e corrente da informação desejada (Lüdke e André, 2013). Ademais, por razões éticas, os endereços, os nomes de pessoas e de escolas foram omitidos neste trabalho.

A referida entrevista, do tipo estruturada, foi realizada em 2023, seguindo um roteiro de perguntas disponibilizado pela professora aos cursistas da disciplina “Desenvolvimento Infantil”. Durante a entrevista, a mãe foi questionada acerca de possíveis dificuldades na conclusão dos estudos dos pais, concepção, histórico clínico e escolar da criança e da família, amamentação, evolução psicomotora, fala, sono, lazer, sexualidade, aspectos emocionais, sociabilidade e afetividade.

Em síntese, o conteúdo exposto por ela na entrevista diz respeito à vida e ao desenvolvimento do filho, em diferentes aspectos, desde a concepção até os dias atuais, considerando que a criança tinha mais de 10 anos de idade na data da recolha de dados, possuindo, portanto, histórico de escolarização. Além disso, a entrevista foi gravada e transcrita. Na sequência, foi realizada a análise sistemática dos dados (Lüdke e André, 2013), seguida da elaboração de problematizações, fundamentadas nas teorias do desenvolvimento da criança..

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado inicial, tem-se o quadro de características da criança, que é do sexo masculino, tem 12 anos de idade, nasceu e foi criada no interior do Ceará e é estudante do Ensino Fundamental II, com pais na faixa etária dos quarenta anos. O pai da criança tem escolaridade média, profissão de agente administrativo, enfrentou dificuldades em seus processos de formação e escolarização, enquanto a mãe é pedagoga e professora.

O casal pretendia ter mais um filho, mas não exatamente quando a notícia da gravidez veio à tona, portanto, pode-se afirmar que a gravidez não foi planejada. Apesar disso, a mãe aceitou bem o acontecimento, encarando-o como uma bênção divina. No entanto, o pai lidou mal com a situação e demorou a aceitá-la. Ele não concordava em fazer a utilização de métodos contraceptivos; mas, quando a esposa engravidou, ele não concordou em ser pai, pelo menos no início. Na etapa final da gravidez, ele começou a aceitar melhor a gestação.

A mãe não adquiriu nenhuma doença durante a gestação, apresentando somente os problemas cardíacos que já existiam em seu histórico de saúde. Neste período, ela teve acesso a uma alimentação balanceada, fazia de quatro a cinco refeições por dia, seguia as orientações médicas e recebia cuidados pré-natais. Ela relatou também que teve muitas enxaquecas durante a gestação, mas não tinha azia, vômitos e sintomas típicos de mulheres grávidas.

A criança nasceu prematura de trinta e oito semanas e o parto foi cesariana, no hospital e com assistência médica. No parto, o bebê não passou por nenhum sofrimento fetal, má oxigenação ou lesões. Contudo, aos dez meses, teve uma convulsão febril, ficando em observação e acompanhamento médico até os três anos, com o objetivo de verificar as ocorrências de outras eventuais convulsões e a necessidade de medicar.

Quando estava aprendendo a andar, aos dez meses, a criança usava um andador e os pais ainda eram casados. Os dois a auxiliaram nesse processo de

dar os primeiros passos, mas ela confiava mais na mãe, com ajuda de quem andava melhor. Em relação à coordenação dos movimentos finos, ela demorou muito a pegar no lápis. No primeiro ano do ensino fundamental, ela segurava o lápis no centro da palma da mão, com os dedos em volta e escrevia o próprio nome segurando no meio do objeto.

A coordenação motora ampla não foi afetada e a criança chuta, pula, corre e não é mais estabanaada como era quando mais nova. Segundo a mãe, o menino não é agitado, anda de bicicleta sem rodinhas e subia em árvores quando ia para o sítio do avô. Ele começou a balbuciar as palavras com um ano e poucos meses de idade. No entanto, até os sete anos, cometia erros, como falar “uá” ao invés de “água”.

Seus hábitos de sono são normais e regulares. Ele não é agitado enquanto dorme, não é sonâmbulo e dificilmente tem pesadelos. Até os dez anos, dormia com a mãe na mesma rede, mas sentiu a necessidade de separar-se da mãe para dormir e fez isto por conta própria. Há pouco tempo, passou a dormir em outra rede, mas no mesmo cômodo, e não vai para a rede da mãe quando acorda.

A criança estudada não tem histórico de cirurgias, mas tem alergias ao tempo quente, à poeira, ao mofo etc. Ela não tem asma, mas tem rinite e teve viroses infantis. Possui histórico de internação por infecção intestinal. O menino fez tratamento com a psicóloga em 2019, tem miopia e faz uso de óculos de grau. Além disso, sentia dor no ouvido quando era pequeno.

Quando mais novo, o garoto tinha acesso a brinquedos pedagógicos, ainda que hoje não os tenha mais, dado que os pais acreditam não haver mais necessidade. Ademais, o menino possui dominó e quebra-cabeça, brinca com eles e gosta desses jogos, além de revistas de figurinhas. Todavia, as atividades esportivas resumem-se à aula de educação física na escola, onde normalmente é mais tímido, não obstante, ele não chore nas brincadeiras do dia a dia, e, em casa, brincando com a irmã, os dois disputem para serem líderes.

A mãe relata que o menino reduziu o interesse pela TV, depois que ele ganhou o celular, por meio do qual a criança acessa as redes sociais, ainda que

durante pouco tempo por dia, de modo que o celular é mais utilizado para jogos on-line e para falar com os amigos por meio desses aplicativos de entretenimento. Além do mais, a mãe supervisiona o uso dessas redes de interação social utilizadas pelo filho.

Outro fato curioso é que, por ele, todo fim de semana, ele e a irmã iriam para a piscina, como antigamente a mãe costumava levar. Ele não costuma reagir mal quando é contrariado, mas é questionador.

Ele é destro. No início da alfabetização, a mãe suspeitou que ele poderia ser canhoto, mas logo descartou a possibilidade, dado que ele segurava o lápis com a mão esquerda da mesma forma que segurava com a direita: no centro da mão com os dedos em volta do lápis. Hoje, ele possui uma coordenação motora fina bem desenvolvida, tem uma boa pressão no lápis, faz bom uso da tesoura e desenha.

Apresentado esse quadro inicial, a seguir são discutidos aspectos que se destacaram na entrevista com a mãe, como influentes no desenvolvimento infantil, no caso em questão. São eles: a estimulação da fala, a composição familiar monoparental e a violência doméstica. Os resultados se concretizam também no dimensionamento dos impactos no desenvolvimento da criança, gerados pela combinação desses três fatores, que exerceram influência direta na formação do sujeito, bem como na reflexão acerca das intervenções educativas pertinentes ao caso.

3.1 Influência das Composições Familiares Monoparentais no Desenvolvimento da Criança

O menino de 12 anos tem como principal responsável a mãe. Ele reside com ela, a irmã, a tia e a avó maternas, porém, a única que atua nos cuidados e educação da criança é a mãe. A tia e a avó maternas não têm participação. Os pais são separados/divorciados e o pai mora com a companheira atual.

Quando o menino nasceu, os pais ainda estavam casados. Nesse período, a ajuda que a mãe recebeu da família do pai de seu filho foi a de ficar com a

irmã de dois anos e sete meses, enquanto ela se recuperava do parto cesariana. Isso ocorreu por um curto período de quinze dias, com os avós paternos levando a menina diariamente até a mãe para ser amamentada.

A família paterna também forneceu parte da alimentação do casal e dos filhos por dois meses, após o nascimento do bebê, enquanto a mãe não conseguia emprego. Depois disso, o pai ficava com as crianças em casa enquanto a mãe ia trabalhar, e isso durava em média quatro horas pela manhã e quatro horas pela tarde. No intervalo de almoço e à noite, a mãe assumia os cuidados com as crianças.

No período da separação do casal, a criança, objeto deste estudo, tinha um ano e dois meses, e ficava com os avós paternos e o pai nos turnos matutino e vespertino, para que a mãe pudesse trabalhar. Quando o menino começou a frequentar a creche, aos três anos de idade, os cuidados do lado paterno diminuíram para um turno de quatro horas diárias. Durante as outras vinte horas do dia, o menino era cuidado exclusivamente pela mãe.

Mesmo quando o pai e sua família tomavam conta da criança no específico período de trabalho da mãe, era a genitora que fornecia a alimentação do menino, tanto nos custos como no preparo. À noite, ela cozinhava, colocava em marmitas e congelava para levá-las prontas no dia seguinte. Nos fins de semana e feriados, era a mãe que ficava com a criança, visto não trabalhar nesses períodos.

A mãe sempre alimentou, vestiu, levou à escola e buscou de volta, ensinou a lição de casa, cuidou e medicou o garoto enquanto estava doente, até mesmo acompanhou a criança em internação hospitalar causada por infecção intestinal. Ela, desde o nascimento do filho, supriu as demandas e necessidades da criação sozinha, o pai e sua família auxiliaram minimamente apenas em momentos específicos de impossibilidade da mãe, plausivelmente justificados por seu emprego.

Dessa maneira, é possível sublinhar uma disparidade de responsabilidades entre os genitores. O pouco que o pai fazia, em comparação ao papel desempenhado pela mãe, era com o auxílio dos avós paternos, de

modo que o trabalho era igualmente dividido para três pessoas, enquanto a mãe cuidava da criança durante cento e oito horas semanais - a partir dos três anos - e o fazia sozinha.

Para Melo e Marin (2016), a família assume papel central no desenvolvimento da socialização infantil. À medida que a sociedade ocidental passa por modificações históricas, os valores, crenças e práticas sociais também se alteram, no intuito de acompanhar estas modificações, refletindo em mudanças nas composições familiares da pós-modernidade. Hoje, observa-se mulheres criando sozinhas os seus filhos ou com a ajuda de tios e avós, uniões homoafetivas, menor número de filhos nas famílias, dentre outras diferenciações em relação ao modelo de família tradicional.

Diante do exposto, é razoável concluir que a família da criança é do tipo monoparental, tendo se constituído por divórcio/separação. De acordo com o Censo Demográfico (IBGE, 2014 apud Melo; Marin, 2016), a família monoparental ou uniparental está entre os três mais comuns tipos de arranjo familiar na sociedade brasileira, caracterizando-se pelo fato de um dos pais ou genitores cuidar da criança sem a presença do outro ou de alguém que o substitua, seja por divórcio/separação, morte, doença, encarceramento, abandono ou outro motivo.

Segundo Wall (2003 apud Melo e Marin, 2016), as famílias monoparentais compostas por mães que criam sozinhas os seus filhos indicam uma realidade familiar mais vulnerável em relação a outras composições, principalmente quando a mãe trabalha o dia todo fora de casa, é a única responsável pelo serviço doméstico, provimento financeiro e possui mais de um filho. Isso representa uma sobrecarga e um comprometimento da saúde física e mental da mãe, tal como neste caso.

As mulheres nesta situação tendem a exercer seu papel na família de forma mais precária, muitas vezes, não conseguindo atender de maneira ideal às necessidades da criança, justamente pela falta de apoio. Tal complicação impacta diretamente no desenvolvimento infantil, podendo provocar

dificuldades escolares, comportamentos que interferem na vida social da criança e nos seus relacionamentos com colegas e professores/as na escola.

Uma criança cuidada por uma mãe sobrecarregada, cansada, com tempo limitado para cuidar-se, tem diminuída a qualidade da sua educação e criação, pois o tempo e energia dedicados a tarefas de subsistência, alimentação e preparo de refeições, higiene e limpeza, lições escolares, transporte, deslocamento etc, se sobressai em relação ao tempo e energia para brincadeiras, diálogos, passeios, viagens, práticas esportivas e socialização em geral, caracterizando-se como privação ou empobrecimento de experiências que impactam no desenvolvimento infantil.

Além disso, na infância, o ser humano advindo de família com histórico de divórcio tende a experimentar perturbações em seu período de desenvolvimento, o que afeta o funcionamento intelectual e adaptativo nos domínios conceitual, social e prático. Na família, a redução de danos consistiria em encontrar um melhor modo de resolução de conflitos, coparentalidade³ e ajustamento comportamental e psicológico dos pais.

Na escola, por sua vez, a diminuição dos prejuízos ou redução de danos causados por experiências insuficientes de promoção ao desenvolvimento infantil podem consistir no enriquecimento ou impulsionamento dessas experiências por meio da brincadeira, haja vista que:

Não obstante, como ficará óbvio, consideramos o brincar de enorme importância em qualquer centro de cuidado infantil. Há boas razões pragmáticas para tanto. Quanto melhor for a qualidade das oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão as experiências, tanto para elas quanto para os adultos. (Goldschmied e Jackson, 2008, p. 25)

À luz dessa compreensão, é indispensável que os/as educadores/as, no espaço escolar, direcionem suas atuações profissionais para o reconhecimento da importância do brincar e sua inserção no cotidiano da criança, através das

³ Quando, apesar de não existir relacionamento amoroso ou afetivo entre os pais, eles conseguem amar o filho e oferecer a ele as condições indispensáveis ao seu pleno desenvolvimento. Conforme o pensamento de Figueiredo e Lamela (2014, p. 12), Por coparentalidade entenda-se o envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais nos cuidados e decisões a respeito da criança.

ambientações, dos brinquedos, das interações e das atividades, de modo geral, tendo em vista o seu amplo desenvolvimento da criança.

De modo complementar, Fonseca, Colares e Costa (2019) destacam alguns fatores, no âmbito escolar, que tendem a contribuir para o desenvolvimento infantil. São eles: a formação para a individualização do ensino-aprendizagem, a ênfase na atividade autoiniciada pela criança, o suporte pelo professor ao desenvolvimento da criança, um clima social positivo e o envolvimento dos pais. Nesse contexto, os referidos autores enfatizam que o papel do professor deve permear a construção de oportunidades de descobertas, por meio do estímulo ao diálogo, a ação conjunta e a construção colaborativa de conhecimentos.

3.2 A Violência Doméstica e seus Impactos no Desenvolvimento Infantil

Na fase gestacional, a mãe era fisicamente agredida pelo pai, e o casal vivia em meio a discussões quase diárias. A situação conflituosa pode ter significado uma influência no desenvolvimento da criança, levando em conta que durante a gestação, dentre os “[...] fatores que originam alterações, inclui-se, de modo especial, o estado psicológico da mãe [...] por considerá-lo de grande peso na incidência de manifestações psicopatológicas na vida ulterior do indivíduo.” (Enderle, 1985, p. 36)

Após a separação, no período em que a criança ficava com o pai e os avós enquanto a mãe trabalhava, o pai maltratava e batia na criança, como método de discipliná-la. Ele costumava bater principalmente quando a criança chorava pela ausência ou demora da mãe. O garoto tinha medo de que a mãe não fosse buscá-lo e reagia com choro, ao que o pai respondia com agressões físicas e gritos.

Nesse contexto, é pertinente destacar que a infância é uma fase diferenciada de desenvolvimento, em relação ao adulto, no tocante ao desenvolvimento físico e psíquico estabilizado, por isso, não é correto esperar que a criança que se comporte como adulto frente a situações novas e a

problemas complexos. Ela lida com as frustrações do seu próprio modo e demanda atenção e auxílio de adultos para superar seus desafios.

No caso da experiência de separação da mãe ou do cuidador principal, na primeira infância:

Quanto mais jovem for o indivíduo, mais ajuda ele precisará ter para seguir em frente sem sofrimentos. As crianças nos dizem, por meio do seu comportamento, que elas precisam da nossa ajuda, de que os seus sentimentos são muito sufocados para trabalharem sozinhos (Enderle, 1985, p. 33).

De acordo com Rodrigues (2012), quando, ao invés de apoio e acolhimento, a criança sofre uma abordagem violenta, o seu corpo e a sua mente entendem que ela não tem valor. Esse entendimento nem sempre é consciente e o organismo pode reagir com insegurança, medo e ansiedade diante de situações desconfortáveis. Por exemplo, uma experiência difícil que o menino teve no ambiente escolar pode estar relacionada com os episódios de agressão, onde ele temia que a mãe o abandonasse na escola, mesmo ela conversando com ele e avisando antecipadamente o horário de ir buscá-lo.

O menino precisou de acompanhamento profissional de uma psicóloga, que averiguou os sentimentos de insegurança do garoto e descobriu que ele sentia medo de ser abandonado. A mãe não podia buscá-lo na escola no horário de saída, ela sempre ia depois, então, ele acreditava que ela não iria aparecer a fim de levá-lo para casa. A profissional conversou muito com ele, até que o problema foi superado e ele recebeu alta. Assim, hoje, ele não tem preocupações excessivas.

A situação possibilita observar que as reações emocionais nunca estão dissociadas da dimensão da experiência humana (Felipe, 2007). A violência física e psicológica de autoria do pai e direcionada à criança pode ter sido elemento desencadeador das respostas emocionais de insegurança e medo no garoto, evidenciando as implicações das agressões sofridas para o desenvolvimento psicoemocional da criança.

É sabido, também, que a violência intrafamiliar ou doméstica não diferencia classe social, raça, religião, poder aquisitivo e outros aspectos

(Rodrigues, 2012). Muitas crianças são vítimas de violência física e psicológica por parte de um adulto com maturidade física e psíquica, que, muitas vezes, é o cuidador ou o responsável pela criança. Assim, paradoxalmente, membros da família que teriam a função de cuidar e zelar pelos direitos da criança acabam violando estes direitos.

Segundo Rodrigues (2012), a violência doméstica pode ser dividida em quatro principais tipos: sexual, física (agressões físicas), psicológica (agressões verbais) ou negligência nas necessidades da criança. Além disso, também pode ser classificado como violência contra a criança o ato de fazê-la presenciar a violência intrafamiliar.

Alguns pais costumam usar a violência física para controlar o comportamento dos filhos. Convém mencionar que “Há casos de pais que sob o pretexto da disciplina ou da boa educação, submetem os filhos a vexames, gritos, queixas, comparações, palavrões, chantagem, entre outros, o que pode prejudicar a autoconfiança e autoestima” (Rodrigues, 2012, p. 2). Nesse contexto, é pertinente destacar que, ao contrário do que prega o senso comum, a violência familiar gera prejuízos ao desenvolvimento infantil e não cumpre a função de educar, mas de minar a autoconfiança da criança e sua integração social. Mesmo que os familiares o façam com boas intenções, isto não os desobriga da responsabilização por danos causados ao desenvolvimento da criança, visto que é papel da família oferecer um ambiente seguro e tranquilo de convivência para ela.

Rodrigues (2012) acrescenta que o ser humano, vítima de violência doméstica na infância, está exposto a dificuldades de aprendizagem, déficits emocionais, e, em casos mais graves, transtornos mentais. Além disso, pesquisas demonstram que 80% da violência física contra crianças e adolescentes é de autoria de parentes próximos, e a cada hora morre uma criança queimada, torturada ou espancada pelos próprios pais (Rodrigues, 2012).

A infância é uma fase do desenvolvimento humano fundante para as fases seguintes, portanto, o que acontece nesse período repercute ao longo de toda

a vida (Felipe, 2007). Neste viés, para que essa fase peculiar de desenvolvimento aconteça de maneira saudável, é necessário oferecer boas condições de afloramento à criança, tais como respeito, amor, carinho, diálogo e estímulos positivos. E isso requer do professor sensibilidade, um fator que, segundo Fonseca, Colares e Costa (2019), mostra-se fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

3.3 A Estimulação da Fala no Desenvolvimento das Competências Cognitivas e Comunicativas da Criança

Em decorrência de convulsão febril aos dez meses de vida, o garoto teve atraso no desenvolvimento da linguagem. Ele não pronunciava corretamente as palavras e constantemente as pessoas pediam para ele repetir o que disse, demonstrando que não conseguiam entendê-lo. Ele trocava as letras das palavras e não era capaz de representar oralmente todas as sílabas utilizadas em seu cotidiano.

Na etapa de alfabetização, a criança precisou de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para superar as dificuldades de fala, uma vez que o desenvolvimento da linguagem oral antecede o da leitura, ou seja, para ler, a criança precisa, primeiramente, falar (Vygotsky, 1996 apud Pivatto e Silva, 2014). O menino recebeu apoio psicopedagógico e foi estimulado, em casa, pela mãe e na escola, de modo que, aos sete anos de idade, aprendeu a falar corretamente, a ler e a escrever.

Conforme Soares (2004), no processo de alfabetização, acontece a passagem da linguagem oral para a escrita; mas, caso a criança tenha distúrbios de fala, a aprendizagem da leitura gráfica pode ficar comprometida e a criança passar por um atraso e uma dificuldade significativa em sua alfabetização e letramento. Ainda, segundo a autora, as dificuldades de linguagem oral podem incluir vocabulário pobre, dificuldade para elaborar frases e contar acontecimentos, déficit de memória, podendo resultar na ausência em estabelecer relações fonema-grafema, consciência fonêmica débil etc.

Então, é importante que os adultos construam diálogo com a criança, apresentem a ela o mundo e os objetos. Também é necessário que propiciem a ela experiências, jogos, brincadeiras, bem como a ampliação de sua sociabilidade com outras crianças. Ela deve ouvir e contar histórias, brincar no parque, sozinha ou acompanhada, brincar de faz-de-conta etc., alargando sua imaginação, criatividade, expressividade, a construção de sua identidade e, conseqüentemente, desenvolvendo a linguagem oral e escrita (Goldschmied e Jackson, 2008).

A criança precisa ter ampliada as suas possibilidades de comunicar-se através da educação escolar e familiar. Para Vygotsky (2008 apud Linard *et al.* 2018), a aprendizagem não está dissociada da linguagem, pois ambas são viabilizadas pela interação com o outro e com o mundo, sendo produzido, desta forma, o conhecimento. Também, é por meio da linguagem que a criança monta seus esquemas simbólicos e desenvolve sua capacidade de representação da realidade e produção de significados.

A figura materna e o ambiente escolar foram decisivos no desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança deste estudo, posto que ela foi estimulada no AEE. Em casa, por sua vez, a mãe dialogava bastante com a criança - inclusive, resolvendo os conflitos através da comunicação saudável, em uma relação de confiança. Essa estimulação da fala é importante porque: “Por meio da linguagem é que ocorrem as interações, aprendizagens, invenções, participações e toda manifestação do pensamento” (Pivatto e Silva, 2014, p. 114). Entretanto, na escola, o garoto fez amizades e, assim, a sociabilidade com outras crianças contribuiu para o seu desenvolvimento como um todo.

De acordo com Linard *et al.* (2018), e em consideração às compreensões elucidadas acima, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN - Nº 9.394/1996) prevê, no Art. 4º, Inciso IV, a garantia da educação infantil de zero aos seis anos de idade, a fim de certificar o acesso à educação e a oportunidades iguais de desenvolvimento a todas as crianças. Por outro lado, deve-se levar em conta que o atraso da linguagem resulta em dificuldades de aprendizagem no

decorrer da vida, acarretando consequências emocionais e comportamentais do sujeito que passou por esse processo.

Neste sentido, a linguagem incide diretamente sobre a aprendizagem, e, como benefício da superação das dificuldades de fala, hoje, a criança aprende os conteúdos escolares com mais facilidade e autonomia. Ela tem preferência por matemática e educação física e não tem tanto interesse por português, apesar de gostar da disciplina. Desenvolveu uma personalidade tímida e um comportamento ansioso, provavelmente por conta das adversidades mencionadas nesta pesquisa, mas, a despeito disso, está progredindo dia a dia em seu processo de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo de caso, buscou-se analisar o desenvolvimento infantil, baseado em dados obtidos por meio de uma entrevista com a mãe biológica de uma criança de aproximadamente 12 anos. Como resultados dessa pesquisa, foram identificados os principais fatores que influenciaram nesse processo, bem como realizados apontamentos acerca das intervenções educativas auxiliares para os problemas apontados: os relacionados ao desenvolvimento da criança e identificados a partir da fala da mãe estão listados a seguir: pais separados/divorciados; mãe como principal responsável pela criança; gravidez indesejada pelo pai; enxaquecas na gestação; nascimento prematuro; parto cesariana; atraso no desenvolvimento da fala e da coordenação motora fina em decorrência de convulsão febril; agressões físicas e brigas na gestação; exposição à violência doméstica; negligência escolar; perdas/luto; desemprego na família e privação de lazer em locais externos.

Pode-se constatar que todas essas adversidades ao processo natural de aprendizagem de uma criança tiveram influência na vida e formação da criança em questão. Entretanto, foram levados em conta, para análise, apenas os fatores considerados mais impactantes no desenvolvimento infantil do filho, a

saber: pais separados/divorciados; mãe como principal responsável pela criança; atraso no desenvolvimento da fala e exposição à violência doméstica.

A respeito da primeira influência analisada, um viés que agrava a vulnerabilidade da família de composição familiar uniparental feminina é a exigência da sociedade para que a mulher ofereça as mesmas condições de desenvolvimento à criança que são oferecidas às crianças pertencentes a outras composições familiares. A cobrança e responsabilização direcionadas à mãe - mas, em pouca intensidade ao pai - é fruto de uma sociedade essencialmente machista, que, apesar de estar passando por mudanças nos arranjos familiares, ainda aplica a mesma lógica de funcionamento a todas as famílias.

Sobre a segunda influência, a violência parental, bem como o sofrimento causado pelas agressões físicas e psicológicas, destrói a autoconfiança e a autoestima da criança, criando fissuras emocionais, como o medo, a insegurança, a dependência aumentada e os comportamentos regressivos. Todavia, esses efeitos podem ser minimizados pela construção de relações familiares e escolares dialógicas, em ambientes seguros.

Explorando a terceira influência, o papel da escola e da mãe na estimulação da fala foram fundamentais na reparação dos danos causados pelo episódio de convulsão febril, ocorrido antes de um ano de idade, e pela violência paterna. O menino capaz de se comunicar, amoroso, carinhoso e afetuoso que está se formando, embora tenha enfrentado um duro processo, é prova da contribuição psicossocial e emocional dos cuidados e da educação que recebeu, o que representa caminhos potencializadores do desenvolvimento da criança.

Para finalizar, vale refletir que o Brasil é um país onde a justiça social ainda é um sonho distante. Conseqüentemente, uma mãe precisa trabalhar para sustentar sozinha os filhos, garantindo, assim, o provimento da família. Portanto, o desenvolvimento infantil não acontece paralelo aos contextos familiar e escolar em que a criança está inserida, bem como aos valores, crenças e atitudes sociais. Longe disso, as questões político-ideológicas, nas quais as pessoas são educadas, orientam suas práticas na educação de crianças.

Logo, esses princípios atravessam a infância e são fundantes do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ENDERLE, Carmem. **Psicologia do desenvolvimento**: o processo evolutivo da criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis. E (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 27-38.

FIGUEIREDO, Bárbara; LAMELA, Diogo. Parentalidade e Coparentalidade: conceitos básicos e programas de intervenção. *In*: LIMA, Vânia Sousa (Org.). *In: Clínica Universitária de Psicologia: contributos para a prática psicológica*. Porto: Universidade Católica Editora, 2014, p. 151-172.

FONSECA, André Dioneu; COLARES, Anselmo Alencar; COSTA, Sinara Almeida da. Educação infantil: história, formação e desafios. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. 82-103, 2019. DOI: 10.25053/redufor.v4i12.1270. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1270>. Acesso em: 11 set. 2024.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LINARD, Arnaldo Mecias; SILVA, Loiva das Graças Soares; GONÇALVES, Francisca Valda; BATISTA, Eraldo Carlos. A Estimulação da Fala no Desenvolvimento das Competências Cognitivas e Comunicativas da Criança. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/mundisociais/article/view/712/546>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MELO, Sheila Caroline Hnediuk de; MARIN, Angela Helena. Influência das Composições Familiares Monoparentais no Desenvolvimento da Criança: revisão de literatura. **Revista da SPAGESP**, v. 17, n. 1, p. 4-13, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5535402>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PIVATTO, Wanderley; SILVA, Sani de Carvalho Rutz da. O Papel da Oralidade sob a Perspectiva Vygotskiana: breve revisão teórica e apresentação de iniciativas para valorização da oralidade. **Caderno Pedagógico**, v. 11, n. 2, p. 113-123, 2014. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1243>. Acesso em: 10 ago. 2024.

RODRIGUES, Dionete Tatiane Rodrigues. **A violência Doméstica e seus Impactos no Desenvolvimento Infantil**. 51f. Monografia (Curso de Especialização em Saúde Mental) - Pós-Graduação em Dependência Química - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2012.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, n. 1, p. 5-17, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRrZk/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Recebido em: 10/10/2024.

Aprovado em: 17/11/2024.

Publicado em: 04/02/2025.